

EDUCOMUNICAÇÃO, DO MOVIMENTO POPULAR ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS: O PERCURSO ACADÊMICO DE ISMAR DE OLIVEIRA SOARES

EDUCOMUNICACIÓN, DEL MOVIMIENTO POPULAR A LAS POLÍTICAS PÚBLICAS: EL RECORRIDO ACADÉMICO DE ISMAR DE OLIVEIRA SOARES

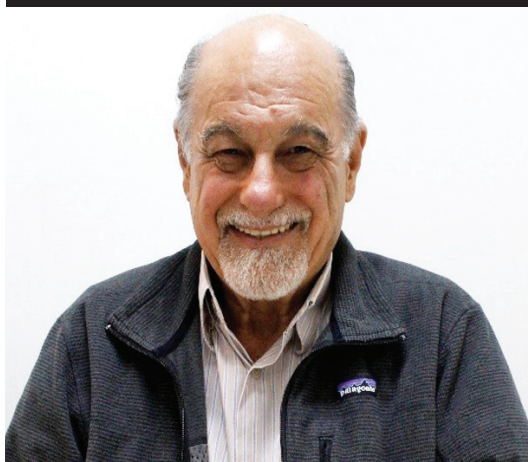
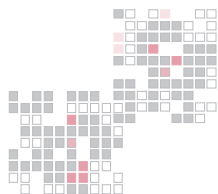
EDUCOMMUNICATION, FROM THE POPULAR MOVEMENT TO PUBLIC POLICIES: THE ACADEMIC PATH

Entrevista com o Prof. Ismar de Oliveira Soares, por Claudemir Edson Viana

Entrevista con el Prof. Ismar de Oliveira Soares, por Claudemir Edson Viana.

Interview with Prof. Ismar de Oliveira Soares, by Claudemir Edson Viana

238



■ Ismar de Oliveira Soares

Identificado no banco de teses da CAPES, órgão de fomento da pesquisa científica no Brasil, como o professor com o maior número de pesquisas orientadas no âmbito da Educomunicação. O Prof. Ismar de Oliveira Soares, docente vinculado à Escola de Comunicações e Artes da USP, é o fundador do Núcleo de Comunicações e Educação da USP; articulador da criação a Licenciatura em Educomunicação junto à ECA/USP; presidente da ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da

Educomunicação; especialista do CETIC.Br para a área de pesquisa em TIC Educação e membro do Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional (mandato 2015-2017). Em seu cotidiano de trabalho, associa às suas reflexões e publicações, a assessoria para a implementação de projetos de Educomunicação na esfera pública, em níveis federal, estadual e municipal, tendo como meta consolidar a herança cultural sobre a dialogicidade comunicativa, deixada por pensadores como Paulo Freire e Mario Kaplún.

■ E-mail: ismarolive@yahoo.com

■ Por Claudemir Edson Viana

Bacharel e Licenciado em História (USP). Mestre e Doutor em Comunicação (ECA/USP), com pesquisas sobre Educomunicação, Mídia e Criança, O Lúdico e a Aprendizagem na Cibercultura, Jogos digitais e Internet no cotidiano infantil. Atuou por 10 anos como Educador em escolas públicas e privadas, atuou por 11 anos como Diretor Acadêmico no Ensino Superior Particular, e como pesquisador por 16 anos no *LAPIC – Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação (ECA/USP)*. Foi colaborador nos projetos de educomunicação do *NCE – Núcleo de Comunicação e Educação (ECA/USP)* desde 2001, tornando-se coordenador do Núcleo em 2014. Atuou como líder de projetos em cultura digital na educação em projetos da ONG CENPEC. Assume a cadeira de Epistemologia da Educomunicação na Licenciatura em Educomunicação, na ECA/USP, em dezembro de 2013, e é o *Secretário Executivo da Associação Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação com mandato até outubro 2016*.

■ E-mail: cviana@uol.com.br

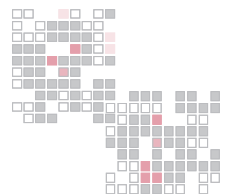
Em tempos de pensamento complexo, com severas críticas à fragmentação da ciência, faz sentido levantar a hipótese de que estejamos frente a uma nova área de conhecimento, denominada de Educomunicação?

Ismar – Foi justamente a rejeição ao fechamento dos campos científicos em áreas segmentadas e mutuamente refratárias que permitiu a emergência de práticas multidisciplinares envolvendo a comunicação, a educação e áreas afins, na base da sociedade latino-americana. Em outras palavras, entendemos a Educomunicação como uma resposta às exigências da contemporaneidade de definir um *locus* para o diálogo entre o que se entende por educação e o que se pretenda seja a comunicação, a partir de pressupostos que rejeitam, de igual modo, o que representa o funcionalismo de um campo (o comunicativo) e o iluminismo de outro (o educativo). A dialética que se estabelece está, por natureza, sintonizada com o pensamento complexo, revertendo, em consequência, a hierarquia da ordem de produção/recepção de bens sim-

bólicos adota pelos campos citados. Para que a mudança fosse possível trabalharam muitos teóricos latino-americanos, como Paulo Freire e Mario Kaplún. Não fosse, contudo, o envolvimento, no processo, de milhares de grupos envolvidos com a comunicação de resistência e a educação popular, em todo o continente, pouco teríamos avançado.

Como você define a Educomunicação?

Ismar – Nosso núcleo de pesquisa a descreve como um paradigma na interface comunicação/educação, norteadora das ações de grupos humanos objetivando alcançar a plenitude do direito universal à expressão. Os objetivos a serem alcançados sugerem que o caminho a percorrer se defina por processos democráticos e pela gestão compartilhada dos recursos da informação e da comunicação, voltados para a cidadania em sua integridade. Como paradigma, a Educomunicação está marcada por seu caráter de utopia social, aqui entendida como meta a ser perseguida, ainda que o resultado esteja sempre aquém do



desejável. Em termos didáticos, e para um início de conversa, costumávamos, no início dos anos 2000, definir o conceito como um conjunto das ações voltadas ao planejamento e a implementação de ecossistemas comunicativos democráticos e participativos, nos espaços educativos, mediante o emprego das linguagens e tecnologias da informação, visando o pleno exercício da cidadania. Reconhecemos, contudo, que se trata de uma definição demasiadamente funcionalista. Hoje, trabalhamos mais com a perspectiva do paradigma de interface.

Qual foi sua trajetória de reflexão e ação até chegar ao conceito da Educomunicação?

Falando em primeira pessoa, posso assegurar que, enquanto pesquisador e gestor de projetos, vivi no contexto de dois cenários distintos: um primeiro, entre 1970 e 2000, quando dediquei-me a estudar e fazer militância sobre o que se denominava, na época, como “formação da consciência crítica” dos receptores frente aos meios de comunicação. Durante três décadas, vi as iniciativas de “Educação para a comunicação” se multiplicarem, especialmente junto ao movimento popular, no Brasil, passando de uma perspectiva ideológico-denunciata (a crítica da mídia), para um aporte culturalista (a mídia como parte da cultura), até chegar a uma vertente dialética (a comunicação como direito universal). Integrei-me, ao lado de pesquisadores como Atílio Hartmann, Pedro Gilberto Gomes, Ana Maria Fadul e José Manoel Moran, ao Projeto LCC – Leitura Crítica da Comunicação, uma iniciativa da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação. Participei, igualmente, de seminários de importância estratégica, como os promovidos, com o apoio da UNESCO, em diversos países do continente, do que resultou o livro *Educación para la Comunicación. Manual latino-americano*, editado por CENECA, no Chile, em 1992.

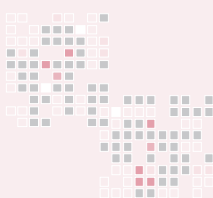
O segundo cenário tem início com as conclusões

de diferentes estudos no continente, produzidos na virada do milênio, por distintas iniciativas, sobre a interface comunicação/educação, entre as quais a pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da USP que, em 1999, chegou à conclusão de que a práxis latino-americana na área poderia deixar de ser considerada como um mero conjunto disperso de projetos, para converter-se num campo emergente de reflexões e práticas na interface comunicação/educação, com referenciais teóricos específicos e metodologias próprias de intervenção social, a que o NCE/USP denominou como Educomunicação, ressemantizando um termo usado, na época, para designar tão somente a educação midiática, agora convertida numa das áreas do novo campo.

O reconhecimento do conceito permitiu, para além das iniciativas isoladas de ONGs e de pesquisadores, a criação e a expansão de políticas públicas, junto a públicos amplos, levando, finalmente, no Brasil, à criação de cursos superiores na área para atender uma demanda emergente por profissionais para o setor. Situo-me, na verdade, como um agente cultural que acompanhou com muita proximidade e interesse a evolução desses processos.

Como os estudiosos podem ter acesso a informações sobre estes distintos cenários?

O esforço brasileiro no primeiro cenário ficou parcialmente documentado na coletânea de Margarida Kunsch, *Comunicação e Educação, Caminhos Cruzados*, de 1986, enquanto o trabalho das organizações sociais da América Latina foram objeto de análise do cubano Pablo Ramos, em pesquisa intitulada *Três Décadas de Educomunicación na América Latina*, num trabalho realizado por solicitação da Organização Católica para a Comunicação na América Latina e Caribe, com sede em Quito. Já o segundo cenário encontra-se parcialmente documentado em artigos da revista *Comunicação & Educação*, do CCA-ECA/USP



e nas pesquisas sobre o novo campo, disponíveis no banco de teses da CAPES. Recentemente, foi lançado, pelas Paulinas, um precioso relato de Helena Corazza sobre como a própria editora envolveu-se, através de Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC), na evolução desta história, inicialmente promovendo cursos de leitura crítica da comunicação até chegar a exercer um protagonismo na prática da Educomunicação.

Poderia especificar um pouco mais suas referências às pesquisas na virada do milênio?

Ismar – Estou me referindo ao grupo de pensadores que se propuseram a oferecer contribuições para a realização de uma síntese sobre as práticas na interface comunicação/educação, em curso nas décadas anteriores. Na verdade, ocorreu uma coincidência histórica particularmente interessante, no final da década de 1990 e inícios dos anos 2000: pesquisadores de vários países se debruçaram sobre o tema, autonomamente e sem quaisquer vínculos entre si. Na Argentina, em 1997, Jorge Huergo publicava o livro *Comunicación/Educación: ámbitos, prácticas y perspectivas*, considerando que a inter-relação articulava antropológicamente uma nova realidade no continente. No ano 2000, Germán Parra Alvarracín, em Quito, Equador, escrevia o livro *Bases epistemológicas de la educocomunicación, definiciones y perspectivas de su desarrollo*, admitindo a emergência de um novo campo de reflexão. Em 2001, foi a vez dos brasileiros José Luiz Braga & Regina Calazans publicarem o estudo *Comunicação & Educação, questões delicadas na interface. Em 2002, Jesus Martin Barbero dava a conhecer seu livro La educación desde la comunicación*. De nossa parte, no ano de 1999, divulgávamos nas páginas da revista *Contato*, editada em Brasília, pela Gráfica do Senado Federal, os resultados da pesquisa do NCE/USP intitulada *A Inter-relação Comunicação Educação no Âmbito da Cultura Latino-americana: o Perfil do Pesquisador e Especialista na Área*, cujas

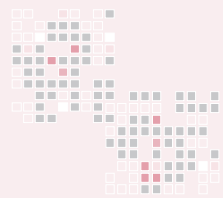
conclusões apontaram para a emergência de um campo que denominamos como “Educomunicação”. No mesmo período, um número significativo de pesquisadores se dedicaram a estudos da recepção e à pedagogia da comunicação, entre os quais: Francisco Gutierrez (Costa Rica), Daniel Preto Castillo (Argentina), Maria Elena Hermosilla e Valerio Fuenzalida (Chile), Guillermo Orozco e Delia Crovi (México), José Martínez de Toda e Gustavo Hernández Díaz (Venezuela), Maria Teresa Quiroz (Peru) e Maria Immacolata Vassallo Lopes (Brasil).

Em algum momento estes autores trabalharam juntos?

Ismar – Em muitos! Apesar das pesquisas terem sido individuais, ocorreram alinhamentos, em função principalmente dos eventos que se multiplicaram pela América Latina. Uma troca de percepções entre estes autores aconteceu, já no ano 2000, em Bogotá, num seminário continental do qual resultou o livro *Comunicación y Educación: Coordinadas, Abordajes y Travesías*, coordenado por Carlos Eduardo Valderrama (2001). Instituições como a ALAIC e FELAFACS muito contribuíram para a disseminação do pensamento gerado no continente, papel também desempenhado por veículos especializados, como a *Revista Chasqui*, do CIESPAL, em Quito; a *Revista Comunicación*, do Centro Comilla, Venezuela; a *Revista Nómadas*, da Universidad Central, de Bogotá. Em 2009, publiquei na *Revista Nómadas*, da Colômbia (n. 30), o artigo “Caminos de la educocomunicación: utopías, confrontaciones, reconocimientos”, republicado, posteriormente, por outros veículos, no México e na Espanha.

E no Brasil, lembra-se de alguns nomes

Ismar – Naturalmente! Além da Pofa Immacolta, já lembrada, temos Margarida Maria Kunsh, Presidente da Intercom, em 1986, que coordenou um importante livro intitulado *Comunicação & Educação, Caminhos Cruzados*. Nomes



ativos nos anos de 1980 e 1990 e que não podem ser esquecidos são os de Maria Luiza Belloni, José Manoel Morán, Pedro Gilberto Gomes, Denise Cogo e Mauro Wilton de Sousa. Importante, também, lembrar o papel desempenhado pela equipe formada por Maria Aparecida Baccega, Adilson Citelli, Cristina Costa e Roseli Fíguro, responsável pela criação, em 1993, e manutenção até a presente data, da *Revista Comunicação & Educação*.

E, no momento, qual tem sido o volume da produção científica sobre o segundo cenário? A que você atribui o interesse dos jovens pesquisadores pelo tema?

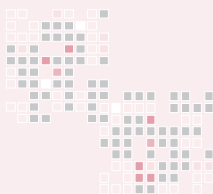
Ismar – No que diz respeito ao Brasil, aproximadamente 250 dissertações e teses doutorais foram produzidas em diferentes programas de pós-graduação, em todo o país, a partir do ano 2000. É o que nos informa um trabalho investigativo de Rose Pinheiro (ECA/2013), atualizado a partir de consultas ao banco de tese da CAPES. A este universo podemos acrescentar os dados referentes aos *papers* apresentados em eventos científicos das áreas da Comunicação (INTERCOM e COMPOS) e da Educação (AMPED), analisados por Claudio Messias (ECA/2011). Apenas a ABPEducom – associação que reúne pesquisadores e profissionais da Educomunicação – publicou, nos e-books referentes aos eventos que promoveu entre 2012 e 2017, um total de 182 trabalhos sobre o assunto. Constato que o interesse dos pesquisadores advém de seu próprio envolvimento com projetos na área, pois parte substancial dessas produções dizem respeito a relatos de experiências, cotejadas com o ideário defendido pelos precursores e sistematizadores do conceito, revelando uma íntima relação entre teoria e prática.

De que forma o conceito de Educomunicação que você defende se aproxima das metas estabelecidas, hoje, pela UNESCO, para o setor da formação midiática e informacional?

Ismar – Como já é sabido, a UNESCO vem trabalhando com a educação midiática desde os inícios dos anos de 1980, convertendo-se na mais importante instância internacional voltada ao assunto. Em 2010, publicou um manual destinado a professores. Foi uma forma de dar maior vigor ao tema, depois de anos de indiferença em relação ao assunto, por parte dos ministérios da educação de todo o mundo. Nos últimos dois anos, sob influência do pensamento norte-americano reuniu, numa só expressão, dois programas: a educação midiática, de caráter psicossocial e ético, de um lado, e a formação para a convivência ativa com a sociedade da informação, com base nas teorias da aprendizagem, de outro. Uma aproximação que não parece muito natural aos especialistas dos dois diferentes campos. Assim, surgiu a expressão: *Media and Information Literacy* (MIL). É importante notar, contudo, que as propostas da educomunicação se aliam às preocupações da UNESCO, trazendo à meta do organismo da ONU um elemento novo – a dialogicidade comunicativa – como reconheceu o coordenador da área junto ao escritório da UNESCO, em Paris, Sr. Alton Grizzle, em painel por nós coordenado, em Brasília, em 7 de novembro de 2016. Em outras palavras, o diálogo se dá no cumprimento de meta específica, relacionada à competência educacional, uma das grandes preocupações dos estudiosos latino-americanos.

Em recentes intervenções suas, em seminários e cursos oferecidos para docentes e alunos dos diferentes cursos de comunicação, você tem abordado o tema da Educomunicação. Qual tem sido a receptividade?

Ismar – O ensino da comunicação vive uma encruzilhada, no Brasil, com o acirramento do confronto entre duas tendências: uma buscando consolidar a política de isolamento curricular, iniciada na década de 1990, contando, hoje com apoio do próprio MEC, e outra, reafirmando a perspectiva de uma formação multidisciplinar no



âmbito da Comunicação Social. Nesse contexto, observamos, num terceiro movimento, ainda que tímido, o crescimento de iniciativas voltadas a introduzir, nos currículos dos diferentes cursos de comunicação, disciplinas e atividades que ampliem o olhar dos futuros comunicadores para a complexidade do mundo multimidiático em que vivemos.

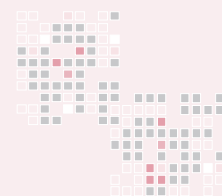
Durante o XXIX Congresso da Intercom, em 2016, chamou a atenção, por exemplo, um encontro de 35 estudantes vinculados a 12 Faculdades de Comunicação que oferecem disciplinas na área da Educomunicação. Numa das universidades representadas – a UNEB, Universidade do Estado da Bahia, campus de Juazeiro, um Núcleo de Educomunicação serve tanto ao curso de Comunicação quanto ao curso de Pedagogia. Em março de 2017, tive pessoalmente a oportunidade de ministrar em Campo Grande, no campus da UFMS, uma palestra sobre Educomunicação exclusivamente para alunos de jornalismo de quatro diferentes universidades da região, além de oferecer, em Porto Alegre, um curso sobre o conceito para pesquisadores do programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUCRS, oriundos das diferentes áreas profissionais do campo da comunicação. Um de meus orientandos de mestrado na ECA estuda justamente a presença de profissionais do jornalismo na promoção de práticas educacionais em diferentes espaços educativos, formais e não formais, em todo o país.

Em suas considerações você deixa antever diferentes abordagens sobre a relação comunicação e educação. Existe possibilidade de diálogo entre estas distintas compreensões em torno da Educomunicação?

Ismar – Temos, efetivamente, duas grandes abordagens: de um lado, a “Mídiaeducação”, da vertente europeia da *Media Education*, assumida, em geral, pelas Faculdades de Educação e que tem na excelente *Revista Pontocom*, do Rio de Janeiro,

um porta-voz qualificado. De outro, a teoria e a prática da Educomunicação, de vertente latino-americana, que ganhou legitimidade a ponto de transformar-se em política pública em importantes centros do Brasil. Em alguns momentos, especialmente em encontros de grupos de trabalho de sociedades científicas da comunicação e da educação, ocorrem estranhamentos entre os defensores das duas correntes. O diálogo, contudo, já é, igualmente, prática corrente. Aliás, foi sendo implementado ao longo das últimas cinco décadas. Lembraria, por exemplo, em nível internacional, os *Encontros sobre Pedagogia da Imagem*, em La Coruña, Espanha, em meados da década de 1990, articulados por Roberto Aparici, quando, pela primeira vez, pensadores da educação midiática do mundo europeu, norte-americano e australiano se reuniram com especialistas da América Latina. Tive oportunidade de falar pelo Brasil e ser o porta-voz de uma homenagem que se prestou, na ocasião, ao latino-americano Mario Kaplún, num reconhecimento a um dos precursores do pensamento educacional no continente. O diálogo continuou em 1998, no *Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação* que organizamos em São Paulo, assim como no *V Global MIL Week*, promovido pela UNESCO no espaço da ECA/USP, em 2016, ocasião em que contamos com trabalhos produzidos por membros da Rede Interuniversitária Euro-americana de Pesquisa sobre Competências Midiáticas para a Cidadania (ALFAMED), liderada por Ignacio Aguaded, de Huelva, Espanha. No momento, o mais importante tem sido a união de esforços das duas correntes para legitimar o tema da relação entre Educação e Comunicação, nas bases das políticas públicas nacionais na área da Educação, como ocorreu no debate sobre o projeto governamental sobre a Base Nacional Comum Curricular.

Em 2008, foi lançado, no Índia, um livro do pesquisador Joseph DAVADOSS, em que são feitas refe-



rências ao seu trabalho. Como situaria os comentários deste estudioso, no contexto da disseminação do conceito da Educomunicação?

Ismar – DAVADOSS foi um dos participantes o *I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação*, promovido pelo NCE/USP, em São Paulo, em maio de 1998, com a presença de representantes de 30 países dos cinco continentes. O evento havia sido pensado como sequência aos encontros de La Coruña, objetivando um levantamento de dados sobre como era pensada, nos diferentes países, na virada do século, a inter-relação comunicação/educação. Foram, então, apresentadas, aos 1.500 participantes do evento, duas intervenções sobre o conceito: uma de Geneviève Jacquinot, da Universidade de Sorbonne (Paris) e outra do próprio Núcleo de Comunicação e Educação da USP, com os resultados parciais de sua pesquisa. Em seu livro, DAVADOSS informa que pela primeira vez era apresentado ao mundo acadêmico internacional o desconhecido conceito da Educomunicação. Não se referia o autor ao termo e si, mas ao significado que o conceito havia adquirido no Brasil. Sobre o evento do NCE, DAVADOSS o classificou entre os cinco mais importantes congressos sobre *Media Education* em todo o mundo, na década de 1990.

Houve algum avanço nos debates internacionais especificamente sobre a prática educacional, ao longo dos anos 2000?

Ismar – Na década de 2000, tive, pessoalmente, a oportunidade de dialogar, em duas ocasiões, com os promotores do *Summit Media for Children*. O primeiro destes diálogos deu-se em Tessalônica, Grécia, em 2001, e o segundo, no Rio de Janeiro, em 2004, momento em que me coube assessorar a comissão organizadora do evento, trazendo ao Brasil especialistas internacionais em educação midiática para um painel específico e defendendo a presença de 150 adolescentes de 40 países, articulados pela UNICIF. É interessante

lembrar, entre os avanços para além do território latino-americano, a produção e distribuição, nos principais idiomas europeus, do livro originalmente intitulado *Educomunicazione Piccoli Passi Nella Nuova Cultura*, produzido pelo setor de comunicação da congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, resultado dos debates que tiveram início em Caracas, Venezuela, no ano de 2000, tendo como base os estudos do NCE/USP sobre a emergência do campo da Educomunicação e suas aplicações nos ambientes educativos. Educadores de 78 países, onde as salesianas gerenciam escolas e obras sociais tiveram contato com esta obra, em sua língua natal.

Ao falar da origem do conceito, você se refere especialmente à práxis latino-americana. Como se dá, hoje, o entendimento sobre a Educomunicação em países como Portugal e Espanha?

Ismar – A pergunta remete ao livro coordenado, em 2010, por Roberto Aparici, da UNED -Espanha, com o título *Educomunicación, más allá del 2.0*, onde o leitor passa a ter contato com um número significativo de autores tanto da América Latina quanto da Espanha. Pelo título da obra, observa-se que os capítulos privilegiam a perspectiva da pedagogia da comunicação e de educação para uma competência midiática, mediante o domínio das tecnologias. A perspectiva defendida pelo NCE tem sido objeto de pesquisas específicas, mas não é hegemônica. Lembro da importância de alguns dos centros de pesquisa sobre a inter-relação Comunicação/Educação, procurados na Espanha por estudantes brasileiros. Assim, além da UNED, devemos relacionar centros universitários como a Universidade Complutense, com Agustín García Matilla e Francisco García García; a Pompeu Fabra, com Joan Ferrés; a Autônoma de Barcelona, com Pérez Tornero; a de Sevilha, com Alfonso Gutierrez Martín e Francisco Sierra, e a de Huelva, com José Ignacio Aguaded. Não podemos esquecer especialmente a *Revista Comunicar*, sem sombra

de dúvida, o mais importante veículo internacional voltado às questões que abordamos. Outra iniciativa espanhola relevante é a *Revista Digital de Educomunicación*, coordenada por Enrique Martínez-Salanova. Em Portugal, a Universidade do Minho, em Braga, é considerada uma referência para os brasileiros, mantendo um programa de Pós-graduação sobre o nosso tema, sob a liderança de Manuel Pinto.

Como se apresenta a pesquisa em Educomunicação, na Europa?

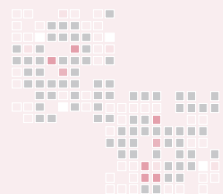
Ismar – Além do trabalho investigativo em Portugal e na Espanha, destacaria as pesquisas feitas na Itália e Inglaterra. Na Universidade Salesiana de Roma, por exemplo, o pesquisador indiano Joseph Sagayaraj DEVADOSS, ao qual já nos referimos, analisou, em tese doutoral, defendida em 2004, a contribuição dos congressos internacionais sobre o tema da *Media Education*, de 1990 a 2000, dando destaque para o Congresso Internacional que o NCE/USP havia promovido, em São Paulo, em 1998. Na Universidade La Sapienza, igualmente em Roma, Isabella Bruni debruçou-se sobre o projeto Educom.rádio que o NCE implantou nas escolas da rede municipal da capital paulista. Em Padova, ainda na Itália, a brasileira Maria Rehder defendeu, em 2015, tese de mestrado sobre a prática educacional em Giné Bissau, África. Na Inglaterra, destacam-se dois estudos, envolvendo os brasileiros: Daniela Moreira, na London School of Economics (2010) e Ricardo Canavezzi Castellini da Silva, na University of London (2012), mesma universidade onde a britânica Beth Titchiner apresentou, em 2014, tese doutoral, abordando o conceito de “ecossistema comunicativo” aplicado na formação educacional oferecida pelo NCE às escolas da prefeitura no início dos anos 2000.

Em relação à UNESCO: o que representou para a Educomunicação o V Global MIL Week ocorrido na ECA/USP, em 2016?

Ismar – Ousaria dizer que o evento intitulado *Media and Information Literacy Week*, ocorrido no início de novembro de 2016, na ECA/USP, representou, para os educadores brasileiros um excelente espaço para socializar as diversas experiências de se promover, em nosso país, a educação midiática e informacional, sob diferentes perspectivas. Alcançamos apresentar, no espaço da UNESCO, através dos painéis do VII Encontro Brasileiro de Educomunicação, um total de 125 *papers*, trazendo ao evento internacional 350 inscritos. O diretor geral do Programa *Media and Information Literacy* da UNESCO, Sr. Alton Grizzle, pode dialogar com adolescentes de um programa educacional interinstitucional que reúne estudantes de uma escola pública (CEU EMEF Casa Blanca) e de uma escola privada (Colégio Dante Alighieri). Aliás, o que mais entusiasmou os participantes foi poder tomar parte num dos painéis que reuniu narrativas de práticas educacionais, contemplando, pela ordem das apresentações, crianças de 6 a 8 anos, pré-adolescentes, adolescentes e jovens secundaristas e universitários. Foram cinco horas seguidas de relatos, na tarde do dia 3 de novembro, com um público que oscilou entre 100 e 120 participantes, praticamente um terço dos inscritos no evento global. Junto com os estudantes, dois representantes da Educomunicação Latino-americana: Silvia Bacher, da Argentina e Guillermo Orozco, do México.

Na sequência ao V Global MIL Week, você coordenou um painel no Senado Federal, abordando o tema da Educomunicação. Qual foi a importância estratégica deste seminário?

Ismar – Certamente o dia 7 de novembro de 2016 ficará na história do Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, Na história do Sr. Alton Grizzle, assim como na história de quatro adolescentes do projeto Educom.geraçãocicada.2016, ao qual já nos referimos na resposta à pergunta anterior. Nesse dia, por três horas e 15



minutos, discutimos a importância de se promover, no Brasil, políticas públicas no âmbito da educação para uma competência midiática que garanta o protagonismo dos estudantes em suas práticas comunicativas, nas escolas, e em suas relações com os meios de informação. O público presente – gestores de veículos de comunicação, trabalhadores da área e representantes da sociedade civil – foi surpreendido com a fala articulada de duas adolescentes de 13 anos, representando, cada uma sua escola de origem, acompanhadas por duas jovens repórteres das mesmas escolas, narrando como se dera suas experiências de práticas educacionais, e exibindo a produção coletiva em vídeo por elas preparada. Por sua vez, em sua fala, o Sr. Grizzle, igualmente surpreendeu o auditório ao incluir, em sua apresentação, em PPT, o termo “Educom”.

Quais as expectativas para os avanços da Educomunicação no ensino formal na América Latina?

Ismar - É importante assinalar que tanto a Mídia-Educação, por um lado, como sua proposta inerente à esfera da Pedagogia, e a Educomunicação, por outro, como um paradigma de interface, acabaram por mobilizar os idealizadores das reformas educacionais em todo o continente. No caso específico do Brasil, a Base Nacional Comum Curricular abriu brechas significativas para a introdução de atividades voltadas à comunicação e às tecnologias, quer como prática quer como objeto de análise, em todo o ensino básico.

Abriu-se inclusive um campo de trabalho para especialistas em condições de assessorar gestores de sistemas educacionais e promotores de iniciativas na área midiática ou no terceiro setor, a ampliarem as ações multidisciplinares que levem em conta o fenômeno comunicativo em sua relação com a educação.

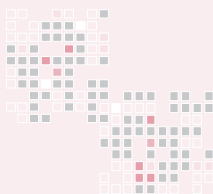
A propósito do trabalho de especialistas, como surgiu a Licenciatura em Educomunicação da ECA e

como seu currículo está estruturado?

Ismar – A Licenciatura em Educomunicação foi a resposta que a Escola de Comunicações e Artes deu às demandas que foram sendo identificadas à medida que o conceito encontrava ressonância nos diferentes espaços sociais. O Departamento de Comunicações e Artes encaminhou o pedido de abertura do novo curso no ano de 1996, tendo o projeto sido aprovado pelo Conselho Universitário, em novembro de 2009, com a instalação do curso em fevereiro de 2011. Trata-se de um projeto acadêmico que aproxima as contribuições dos campos da comunicação e da educação, para formar um profissional de interface, em condições de prestar serviços tanto ao âmbito educativo formal (um professor de comunicação ou coordenador de atividades multidisciplinares e multimidiáticas na área) quanto aos âmbitos de práticas profissionais que trabalhem com a relação comunicação/educação, nos espaços da mídia e das organizações dos diferentes setores sociais e laborais. O curso é compartilhado com a Faculdade de Educação na oferta das disciplinas próprias das licenciaturas. É importante assinalar que, para além da profundidade teórica exigida pelo programa do curso, ganha densidade as disciplinas e atividades voltadas para as áreas de intervenção do campo da Educomunicação, notadamente a gestão da comunicação nos espaços educativos, seja nas organizações, seja no ambiente escolar. Busca-se, além disso, de uma preparação que permita aos egressos atender as demandas em torno da formação de competências midiáticas dos estudantes brasileiros. A Licenciatura prevê um permanente contato dos alunos com as ações e projetos educacionais em curso na sociedade, através de imersões e de estágios supervisionados.

Quais as principais perspectivas que se abrem para a educomunicação na academia e na sociedade para as próximas décadas?

Ismar – Eu lembraria quatro expectativas que



possivelmente alimentam o sonho dos gestores, professores e estudantes da Licenciatura: Primeira: que os pesquisadores e agentes envolvidos com o tema, ao oferecer suas contribuições pessoais ou grupais à ação educacional, trabalhem para manter a coerência epistemológica entre teoria e prática. Em outras palavras, que fique garantida, por parte dos que se aproximam do conceito, a indispensável fidelidade aos princípios fundantes das práticas reconhecidas como educacionais; Segunda: que as reformas do ensino no Brasil e na América Latina sejam beneficiadas pelas conquistas teórico-programáticas em torno do conceito e da prática da Educação, tanto no que diga respeito ao tratamento de temas de interesse coletivo, quanto na garantia do protagonismo das novas gerações no exercício de seu direito à palavra; Terceiro: Que a mídia

brasileira traga para seus espaços os debates em torno do conceito, de forma a permitir – com a contribuição dos profissionais formados pelas universidades - que os recursos da comunicação e da informação passem a ter outros referenciais que não hegemonicamente o mercadológico para definir as produções que chegam aos lares brasileiros. Quarto: que a prática educacional possa mobilizar as crianças, adolescentes e jovens do mundo a se envolverem numa batalha em favor da preservação do único lugar que nos é dado para habitar, no universo. Falei de quatro expectativas, mas sei que são dezenas, milhares, as expectativas escritas no coração de todo educador, seja adulto, jovem ou criança, animando os que se mostram ansiosos para dizer a sua voz e construir seu presente, sempre de forma colaborativa, preparando o futuro de todos.

